

## A PSICOLOGIA DO ESPAÇO CONSTRUÍDO

Rafael Fernando Falavigna, Angela Maria Bavaresco

### Resumo

Este estudo tem como objetivo relacionar a psicologia ambiental e a arquitetura, de forma que seja possível compreender a capacidade de um ambiente promover diferentes sensações em seus indivíduos. Para este estudo utilizou-se uma revisão bibliográfica, que implica fazer um levantamento de informações teóricas sobre determinado assunto em bases de dados reconhecidas cientificamente, como: Lilacs, Scielo, Google Acadêmico, além de outros sites que abordam o assunto, no qual foram selecionados artigos científicos dos seus bancos de dados. Ao conceber-se um ambiente, em determinada escala de implantação, seja ele de pequeno, médio ou grande porte, faz-se necessário levar em conta que tal espaço irá, ou não, receber um perfil pré-estabelecido de usuários. Este fator deverá reger um diálogo entre engenharia e estética, arquitetura e psicologia, que seja capaz de equacionar o espaço e o usuário. A arquitetura e a psicologia andam juntas como forma de apropriação do espaço, principalmente em situações de realocações de moradias.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental; Arquitetura; Estética.

### 1 INTRODUÇÃO

O bem-estar de um usuário em relação ao seu ambiente de convívio está intimamente ligado à identificação que o mesmo tem do espaço ao seu redor. As escalas de ambientes são infinitas, a diversidade de pessoas também, levando-se em consideração valores, culturas, etnias, entre outros, percebesse a pluralidade de personalidades possíveis que devem ser levadas em consideração ao desenvolver a criação de um espaço plural. Já em relação a ambientes reduzidos, como projetos de arquitetura de

interiores e residenciais, a personalidade de um único perfil de um usuário é a que prevalece, porém, sem deixar de levar em consideração, que o mesmo estará inserido à um meio plural, seja um condomínio, um bairro, um edifício ou até mesmo uma favela. Como descreve Furtado (2005) "Devido ao seu objeto, a Psicologia Ambiental foi, e é, antes de tudo uma Psicologia do espaço, na medida em que ela analisa as percepções as atitudes, e os comportamentos do indivíduo em sua relação explícita com o contexto físico e social no que ele evolui. Desta maneira, a relação indivíduo-ambiente é analisada nos seguintes quatro níveis de referência espacial e social: 1) o microambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; 2) os ambientes de proximidade: os espaços partilhados semi-públicos, o habitat coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; 3) os ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos, e os povoados diversos, implicando os agregados de indivíduos; e 4) o ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais e os concernente à sociedade enquanto tal".

O objetivo deste estudo é relacionar a psicologia ambiental e a arquitetura, de forma que seja possível compreender a capacidade de um ambiente promover diferentes sensações em seus indivíduos. Indiferente de qual seja o perfil psicológico do usuário, é a percepção que o mesmo terá do ambiente em que ele se encontra que definirá quais serão as sensações, conscientes ou inconscientes que o indivíduo irá captar do ambiente natural ou construído que estará fazendo parte.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Ao se tratar de sensações, cada indivíduo pode reagir a qualquer estímulo exterior que receber de uma forma completamente diferente. Isso dependerá da informação que estará sendo transmitida, e a forma da qual a mesma será transmitida, que ao somar-se à personalidade deste indivíduo, repleta de tantas outras informações culturais, sociais ou emocionais, se

transformará em uma experiência sensorial única e exclusiva para cada pessoa.

Projetos de arquitetura de interiores comerciais, como lojas, restaurantes, supermercados ou hotéis, atualmente são elaborados com o intuito de desenvolver uma experiência marcante nos seus usuários, que faça com que os mesmos se sintam atraídos por aquele ambiente, permaneçam por um longo espaço de tempo e retornem futuramente. Para que isso aconteça é necessário que o ambiente promova diversas experiências sensoriais marcantes aos seus usuários, obtidas através do conforto visual, odores, músicas, que ativem facilmente a memória de quem desfrutou daquele espaço.

As cores, por exemplo, influenciam diretamente na percepção que o indivíduo terá da informação que ele estará recebendo, além disso, poderá ser usada como uma forma de orientação, mesmo que inconsciente de como ele deverá agir em determinado ambiente, como por exemplo um ambiente de trabalho ou um refeitório. De acordo com Heller (2013, p. 17) as cores podem ser usadas em exclusividade para realçar algo marcante, ou compor um ambiente com diversas informações, conhecemos muito mais sentimentos do que cores. Dessa forma, cada cor pode produzir muitos efeitos, frequentemente contraditórios. Cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante. Em que consiste o efeito especial? Nenhuma cor está ali sozinha, está sempre cercada de outras cores. A cada efeito intervém várias cores, um acorde cromático” (HELLER, 2013, p. 17).

A cor utilizada para um ambiente deverá ser equivalente à sua função, isso por que o significado que esta cor trará de informação ao usuário, será feita através de um conjunto de outras informações, como descreve Heller (2013, p. 18) “não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos. A cor num traje

será avaliada de modo diferente do que a cor num ambiente, num alimento, ou na arte” (HELLER, 2013, p. 18).

Quando se refere ao conceito de morar na arquitetura, o assunto torna-se um pouco mais complexo. O bem-estar do seu usuário, não é mais como em ambientes comerciais, que poderia ser considerado momentâneo, quando refere-se ao lar, o bem-estar deve ser permanente, para que isso seja atendido, a Arquitetura deve ser extraída da personalidade de quem será seu usuário, atendendo suas necessidades básicas e seus anseios de um lar, como expõe Pallasmaa (2011, p.60), indivíduo e lar, passam a ser um só, dentro dos parâmetros necessários, a arquitetura deve promover movimento ao comportamento de quem à usufrui “a experiência do lar é estruturada por atividades distintas – cozinhar, comer socializar, ler, guardar, dormir, ter atos íntimos – e não por elementos visuais. Uma edificação é encontrada; ela é abordada, confrontada relacionada com o corpo de uma pessoa, explorada por movimentos corporais, utilizada como condição para outras coisas. A arquitetura inicia, direciona e organiza o comportamento e o movimento”. (PALLASMAA, 2011, p. 60).

Em espaço urbanos, diretrizes de projetos voltam-se a necessidade dos usuários àquele espaço, muitas vezes, surgem como um exaustor em meio às cidades mais populosas, traduzidos em praças ou parques, onde tendem a transmitir a seus usuários um bem-estar urgente, que a cidade, um jogo de arranha-céus não consegue fornecer. É o que transmite em seu pensamento Pallasmaa (2011, p.16): “[...] a arquitetura, como todas as artes, está intrinsecamente envolvida com questões da existência humana no espaço e no tempo; ela expressa e relaciona a condição humana no mundo. A arquitetura está profundamente envolvida com as questões metafísicas da individualidade e do mundo, interioridade e exterioridade, tempo e duração, vida e morte. [...]. A arquitetura é nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo, e para dar uma medida humana a essas dimensões, ela domestica o espaço ilimitado e o tempo in mito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade” (PALLASMAA, 2011, p. 16-17).

Além disso, a arquitetura e psicologia andam juntas como forma de apropriação do espaço, principalmente em situações de realocação de moradias. Uma característica muito marcante neste movimento, é a necessidade de cada morador se identificar com o seu novo ambiente de moradia, um fato muito frequente, que ocorre nestes movimentos habitacionais, é a negação dos moradores ao seu novo lar. A nova paisagem, vizinhos diferentes, familiares que antes compartilhavam a mesma moradia e agora vivem distantes uns dos outros, fazem com que muitas vezes, os moradores abram mão do seu novo espaço, e retornem para a sua situação anterior. Este fato ocorre pela falta de identificação que este sofrerá, ao ser removido do espaço que ele ocupava e transferido para um novo local. Cavalcante (2011:65-66) descreve a relação de apropriação do espaço que a arquitetura deve promover, de acordo com a personalidade do seu usuário: “apropriação por ação/transformação geralmente vem antes e consiste em comportamentos explícitos que vão desde a demarcação de um espaço até uma ocupação territorial mais elaborada e complexa. Pode ser traduzida por atitudes de reivindicação, delimitação e defesa diante de ameaças percebidas, por densidade ou invasão. [...] A apropriação por identificação compreende processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço (extensão) em lugar reconhecível e pleno de significado para o sujeito ou grupo social” CAVALCANTE, (2011:65-66).

A identificação com o meio urbano a partir do indivíduo também pode ser compreendida através de uma análise entre a Arquitetura e a Psicologia, isso por que o desenvolvimento da paisagem urbana, modelado através da arquitetura, proporcionam ao indivíduo direcionamentos à sua identidade, como descreve Pallasma (2011, p.11): “a sensação de identidade pessoal, reforçada pela arte e pela arquitetura, permite que nos envolvamos totalmente nas dimensões mentais de sonhos, imaginação e desejos. Edificações e cidades fornecem o horizonte para o entendimento e o confronto da condição existencial humana. Em vez de criar meros objetos de sedução visual, a arquitetura relaciona, media e projeta significados. O

significado final de qualquer edificação ultrapassa a arquitetura; ele redireciona nossa consciência para o mundo e nossa própria sensação de termos uma identidade e estarmos vivos" (PALLASMAA, 2011, p. 11).

Arquitetura e Psicologia quando desenvolvidas em conjunto, são capazes de traduzir importantes valores na concepção do espaço, que sejam baseados em valores estéticos e voltados à personalidade do indivíduo, proporcionando ao ambiente, a capacidade de promover sensações fisiológicas em seus usuários.

### 3 CONCLUSÃO

A relação entre Arquitetura e Psicologia pode ser muito mais íntima do que aparenta. A concepção de um espaço, parte, além de princípios estéticos, de valores pré-identificados da personalidade do indivíduo que irá ocupar aquele ambiente.

A Psicologia Ambiental, ainda é muito pouco utilizada no desenvolvimento de projetos de Arquitetura e Urbanismo, o que traduz a incapacidade de um ambiente atender preceitos básicos das necessidades de seus usuários. O que gera então o mal-estar de quem o ocupa, no que possivelmente se transformará em um espaço inerte.

A compreensão da Psicologia Ambiental e sua aplicação na concepção de espaços em escalas macro e micro, relaciona-se intrinsecamente com a qualidade de vida, à saúde e o bem-estar do homem para com o meio à sua volta. Para que isso seja possível, devemos deixar de nos basearmos em soluções padronizadas ou abstratas, e sim, que levem em consideração a diversidade fisiológica, cultural, social, estética, econômica e entre outros tantos aspectos técnicos como dimensão.

### REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. Temas básicos em psicologia ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ELY, Vera Helena M. B. Fundamentos da Ergonomia e da Psicologia Ambiental. Aparecida de Goiânia, GO: Mundial Gráfica e Editora Ltda., 2011.

FURTADO, José Luiz. Fenomenologia e crise da arquitetura. Kriterion [online]. 2005, vol.46, n.112, pp.414-428. ISSN 0100-512X

HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. 1 ed. São Paulo : Gustavo Gilli, 2013.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Sobre o(s) autor(es)

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC – Campus de São Miguel do Oeste. Rua Oiapoc, 211. São Miguel do Oeste – SC (Brasil) E-mail: rafaelffalavigna@hotmail.com

Professora do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC – Campus de São Miguel do Oeste. Rua Oiapoc, 211 São Miguel do Oeste – SC (Brasil) E-mail: ambavaresco@hotmail.com